

NO BRILHO DO VERNIZ, A CORROSÃO DAS OPERÁRIAS*

MARIA AMÁLIA DE A. CUNHA**

Resumo

Este artigo apresenta uma discussão sobre as causas e os efeitos das Lesões por Esforços Repetitivos (L.E.R.) na vida fabril e doméstica de um grupo de mulheres. O estudo baseia-se numa fábrica subsidiária de uma multinacional, a qual fabrica material escolar no interior do Estado de São Paulo. Através do recorte de gênero e tecnologia, torna-se possível compreender porque as mulheres têm constituído as maiores vítimas de uma doença ocupacional- de Lesão por Esforço Repetitivo- que vem se erigindo como eminentemente feminina.

Palavras-chave: Lesão por Esforço Repetitivo, Trabalho Fabril, Trabalho Doméstico, Doença Feminina.

* Recebido para publicação em 10 de setembro de 1997.

** Mestre em Sociologia pela F.C.L/UNESP-Araraquara.

No brilho do verniz...

**IN THE SHINE OF VARNISH, THE CORROSION OF FEMALE
WORKERS**

Abstract

This article discusses the causes and effects of Repetitive Strain Injury (RSI) in the domestic and factory lives of a group of women. The study is based on a subsidiary of a multinational which produces school materials in the State of São Paulo, Brazil. Focusing on gender and technology it is possible to understand why women have been the main victims of the Repetitive Strain Injury. In this context, RSI should be considered a women's disease.

Introdução

A partir da década de 80, com as transformações ocorridas no mundo do trabalho, vislumbra-se um crescimento de estudos que procuram contemplar o papel da mulher face a este contexto de mudanças. Isto porque as mulheres figuram entre as mais afetadas pelos processos de transformação organizacional do trabalho, no que tange às formas precárias e atípicas de emprego, tais como o trabalho em tempo parcial ou de subcontratação, sendo também majoritárias nas estatísticas sobre o trabalho informal no Brasil.

Com a vigência da **reestruturação produtiva** – nome genérico atribuído às novas formas de organização social do trabalho – são as mulheres maduras, casadas e com filhos, aquelas que mais encontram inserção no mercado de trabalho, uma vez que passam a atender ao perfil do “operário/a polivalente”, exigido pela nova organização social do trabalho.

Neste caso, a mulher casada seria mais facilmente identificada com o/a trabalhador/a polivalente, uma vez que, do ponto de vista do empregador, a prática dispensada aos cuidados da casa não funcionaria mais como um fato limitador e sim como um elemento qualificador diante das novas imposições requeridas na produção, tais como as tomadas de decisões e iniciativas, a experiência, bem como a prática e a adaptabilidade aos diferentes postos de trabalho.

Todos esses elementos seriam sobrepostos, naturalmente, às antigas formas de discriminação contra a mulher, verificadas nos atributos ditos “femininos” como a destreza, a responsabilidade, o capricho, entre outros.

Sendo assim, por trás dessa nova exigência de um tipo específico de trabalhador/a, observa-se a lógica perversa do sistema, a qual não apenas desqualifica como reitera antigas formas de discriminação de gênero.

No brilho do verniz...

As transformações em curso podem ainda ser verificadas através da introdução ou não da automação, da adoção de modelos de gestão empresarial que visam a agilizar a produção, como o *just in time* e o *Kanban*, assim como a implementação do CCQ (Círculo de Controle de Qualidade) e a subdivisão física e espacial do processo produtivo em “ilhas” ou “células” de fabricação. Esses elementos convergem para o aumento da intensidade do ritmo do trabalho e para a precarização da força de trabalho. Um dos resultados tem sido a elevada incidência de doenças ocupacionais, tais como as L.E.R. – Lesões por esforços repetitivos.

Segundo Gorender¹, a organização japonesa de trabalho – presente também no novo modelo de racionalização do trabalho – e a tecnologia informacional não suprimem a obrigação de movimentos repetitivos, os quais originam as L.E.R., enfermidade neuro-muscular primeiro caracterizada como ocorrendo no Japão.

Embora as lesões por esforços repetitivos – L.E.R. – constituam um fenômeno antigo, sua incidência vem aumentando a partir do início da década de 1980, período que coincide com as mudanças ocorridas na organização social do trabalho, as quais contam, entre outras coisas, com a intensificação dos ritmos de trabalho.

Este artigo tem por objetivo analisar as causas e os efeitos das L.E.R. na vida fabril e doméstica de um grupo de operárias, bem como instigar a discussão a respeito de a doença estar acometendo sobretudo as mulheres, a ponto de ser identificada como uma doença eminentemente feminina. A

¹ GORENDER, Jacob. Globalização – Do Fordismo ao Modelo Japonês. Texto apresentado no II Encontro Latino-Americano de Sociologia do Trabalho realizado em Águas de Lindóia, entre os dias 5-7 de dezembro de 1996.

fábrica estudada passou por uma reestruturação produtiva em meados da década de 80.

Os depoimentos das operárias da fábrica em questão evidenciaram sua percepção face ao trabalho, bem como revelaram o seu conhecimento acerca da depredação e da precarização de sua força de trabalho e do aumento da intensidade deste, bem como do acometimento da doença ocupacional que as tem excluído do mercado de trabalho.

A maquininha, a “maquinão” e as operárias-robô da seção das envernizadeiras

A fábrica pesquisada – estabelecida na cidade na década de 1930 – sempre contou com uma mão-de-obra predominantemente feminina, por julgá-la adequada à confecção de seu principal produto – o lápis – que requer “dedos ágeis e habilidosos”, além de capricho, disciplina e responsabilidade.

Passados mais de 50 anos, o requisito para a contratação da mão-de-obra continua sendo o mesmo. De um total de 1700 operários, a fábrica empregava em 1996, 1051 trabalhadoras (sexo feminino), somente na área de produção.

Aproximadamente 2/3 do total de empregados são constituídos por mulheres casadas, por preferência explícita da empresa desde o início da década de 80. Antes da década de 80, a fábrica demitia automaticamente as operárias que se casavam, contratando apenas as solteiras, prática largamente observada no setor industrial em geral. Entretanto, a partir da implementação da reestruturação produtiva, a lógica passa a ser invertida, uma vez que, segundo o relato do chefe de recrutamento, as mulheres casadas seriam portadoras de atributos como experiência, prática e responsabilidade, ajustando-se mais facilmente às transformações ocorridas na empresa. O novo modo de organização social do trabalho, denominado também de **reestruturação produtiva**, tem como pré-condição o emprego

No brilho do verniz...

do/a **operário/a polivalente**, que pode operar diferentes máquinas e adaptar-se mais facilmente aos novos ritmos impostos pela organização social do trabalho.²

Alguns estudos têm acrescentado o recorte de gênero como um elemento definidor das novas transformações ocorridas no mundo do trabalho. Segnini³ lembra que a experiência cotidiana das mulheres, sobretudo aquelas vivenciadas no âmbito privado, como as tarefas domésticas e a responsabilidade com o cuidado dos filhos, não representam mais um fato limitador para o ingresso no trabalho. Ao contrário, representam um elemento qualificador frente às possibilidades de ter adquirido socialmente as habilidades requeridas para a realização do trabalho flexível.

A seção abordada neste artigo é denominada “envernizadeira”, a qual é responsável pela pintura do lápis. A máquina denominada “envernizadeira” possuía antes da reestruturação produtiva duas variantes: a maquininha e a “maquinão”.

² De acordo com a literatura sobre a questão, haveria, basicamente, dois tipos de **polivalência**: a polivalência *multitask* (multi-tarefas) e a polivalência *multiskill* (multi-qualificação). No entanto, em termos de reorganização do trabalho, o que tem predominado até o presente é a simplificação das tarefas, através de movimentos que não requerem seu enriquecimento. Assim sendo, o uso da palavra **polivalência** ganha contornos mais acentuados quando se refere ao tipo *multitask*. Convém ainda salientar que este novo modo de produzir tem colaborado para a precarização do trabalho, na medida em que se observa um aumento de controle sobre o/a trabalhador/a, resultando em uma intensificação de seu trabalho, sem que novos postos sejam criados ou que receba uma gratificação salarial pelo cumprimento de novas tarefas. *Apud*: ABRAMO, L. La Inserción de la Mujer en los nuevos paradigmas productivos, 1996, mimeo.

³ SEGNINI, Liliana R. P. O trabalho da mulher em um contexto altamente informatizado: análise das mudanças tecnológicas e nas relações de trabalho e suas implicações nas qualificações requeridas. XIX Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 17 a 21 de outubro de 1995.

As “maquininhas” eram operadas individualmente; hoje, cada operária “toca” duas maquininhas ou cada duas operárias “tocam” cinco. A máquina chamada “maquinão” era “tocada” por duas operárias: uma ficava responsável pelo abastecimento do funil de tinta e a outra encarregava-se de retirar os lápis dos cochos. Era freqüente também o sistema de revezamento, a fim de se evitar a monotonia do trabalho.

Cada máquina produzia somente um tipo de lápis e somente uma cor. A partir da década de 1980 essas máquinas foram ajustadas e, através de um mínimo reparo, passaram a fazer dois tipos de lápis, com duas cores diferentes. Tal mudança já reflete a exigência de um/a operário/a polivalente, capaz de dar conta de uma produção diversificada. Estas mudanças são percebidas pelas operárias da seguinte forma:

Antigamente, trabalhava-se em duas por máquina, por exemplo, meio dia uma ficava no cocho, meio dia uma no funil.

Então, o serviço não se tornava pesado e nem corrido, primeiro porque a velocidade da máquina era menor, outra que uma ajudava a outra. A diferença que eu noto agora é que a velocidade da máquina é outra, nem se compara. Eu acho que o que eu fazia antigamente, hoje eu trabalho para três mulheres, porque uma que eu tomo conta da máquina sozinha – que antes era em duas – e outra que a velocidade da máquina está muito maior. (F., 42 anos, operadora de máquina há 17 anos na empresa.)

A percepção da intensificação do ritmo do trabalho é refletida na redução da mão-de-obra, resultando para a empresa em um elevado índice de produção com custos mais baixos e,

No brilho do verniz...

para o/a trabalhador/a, a maior exploração da força de trabalho e maior desgaste para o próprio corpo.

As transformações ocorridas no processo de trabalho implicam mudanças nas relações interpessoais. Aquilo que era conhecido, personalizado, torna-se indiferente:

Agora eles não querem que ninguém converse, não querem que façam “rodinha”. Eu acho que isto está errado, porque todo mundo tem o direito de conversar, porque se você trabalha mais de 8 horas numa firma, é lógico que você vai ter que conversar, dar um sorriso para você se animar. Porque um robô sim, que não conversa, não dá risada, aí eles vão trabalhar o dia todo, do jeito que eles querem. Por que é que eles não contratam um robô? (J., 34 anos - operadora de máquina.)

Mais precisamente a partir deste depoimento, quando a operária sugere a contratação de um robô, assiste-se a uma reificação das relações sociais. A amputação dos gestos, conversas, sociabilidade, reflete o grau de coisificação ao qual as operárias são submetidas. Deste modo, se às operárias cabe o comportamento/procedimento de coisa, objeto, ao robô cabe o estatuto contratual de trabalho. O robô não é percebido enquanto coisa, mas enquanto objeto subjetivado, com quem se pode até estabelecer uma relação contratual de trabalho, completando-se, assim, aquilo que Marx⁴ definiu como fetichismo da mercadoria na sociedade capitalista. Neste sentido, as relações sociais se coisificam e as relações entre as coisas se humanizam. Os homens, ou as mulheres, tornados/as coisas/objetos, cedem lugar a estes, tornados humanos. Têm-se, desta forma, sujeitos objetivados e objetos subjetivados.

⁴ MARX, Karl. *O Capital*. São Paulo, Nova Cultural, 1985, vol.II.

Os desdobramentos causados pela extrema repetição dos gestos, a monotonia e a rotinização das tarefas, juntamente com a elevação do ritmo do trabalho, constituem elementos típicos do taylorismo, o qual tem emprestado vários princípios ao novo modelo organizacional de trabalho.

Outrossim, a reestruturação produtiva (re)inventa velhas maneiras de produzir com novas roupagens. Como corolário, recriam-se antigos problemas, entre os quais a maior incidência das L.E.R.

Evidencia-se que as mudanças implementadas com a vigência da reestruturação produtiva não ocorreram sem que as operárias as tivessem sentido:

(...) eles querem cada vez mais que a gente menos pare, se for possível, tocar duas, três máquinas, cada vez mais sabe, sei lá, eles pensam que a gente não cansa, que o corpo da gente agüenta, mas não agüenta não, a gente é um ser humano! (F., 42 anos - operadora de máquina.)

As relações de superexploração presentes no novo modelo organizacional de trabalho concorrem, entre outras coisas, para o processo de dilapidação da própria força de trabalho, atestado através dos inúmeros casos de afastamentos em função do acometimento de uma doença ocupacional no interior da fábrica.

Assim sendo, a imposição de novos ritmos de trabalho, pautada na racionalização científica deste, tem sido responsável por um quadro alarmante de incapacitados/as para o trabalho.

No brilho do verniz...

No brilho do verniz, a corrosão das operárias

Na fábrica estudada, as mulheres têm sido as principais vítimas do processo de reestruturação produtiva em curso. Dentre os vários efeitos deste processo, destaca-se o altíssimo número de operárias afastadas pela fábrica, acometidas pelas L.E.R – sigla que designa as lesões do aparelho locomotor associadas aos esforços repetitivos ou com a manutenção prolongada de alguns segmentos corpóreos em posturas inadequadas.

Atualmente, de um total de 1051 operárias da área de produção da fábrica estudada, foram notificados 150 casos de afastamento provocados por problemas associados diretamente às condições de trabalho determinadas pela empresa. No entanto, segundo o depoimento do médico responsável pela perícia do INSS da cidade onde a fábrica está localizada, o número pode chegar a 450, se forem contabilizados os casos de reabertura e outros que ainda não passaram pela perícia médica.

No contexto deste quadro epidemiológico, pareceu importante investigar a causa das doenças rotuladas de L.E.R.

Os efeitos à saúde das trabalhadoras têm se manifestado de diversas formas e intensificado um segmento alarmante de incapacitadas para o trabalho, agravado pelo fato de que as L.E.R configuram-se num quadro doloroso e nem sempre reversível, além de trazerem danos e limitações também para a vida privada destas mulheres.

As lesões por esforços repetitivos são definidas como um conjunto de disfunções músculo-esqueléticas que acometem os membros superiores e a região cervical e estão geralmente relacionadas ao trabalho, em áreas como indústrias de produtos eletroeletrônicos, de alimentos, químicas, têxteis, serviços de telefonia e de entrada de dados em terminais de computação.

De acordo com Settimi⁵, dentre as doenças ocupacionais mais conhecidas, as L.E.R são as que mais atenção vêm recebendo por parte dos médicos, agências governamentais de saúde, sindicatos de categorias profissionais, entre outros.

Na Austrália, o conjunto dessas disfunções recebeu a mesma denominação de RSI (*Repetitive Strain Injury*); nos E.U.A elas são denominadas DCT (Disfunções por Trauma Cumulativo). Tais denominações ressaltam o papel dos movimentos repetitivos na produção do quadro clínico apresentado. No Japão, no entanto, a condição foi denominada OCD (*Occupational Cervical-Brachial Disorder*), destacando a localização dos sintomas e a sua relação com o trabalho.⁶

As L.E.R acometem pessoas jovens, principalmente as do sexo feminino, que executam tarefas que exigem movimentação contínua dos braços e das mãos, ou que se colocam em posturas inadequadas por um período de tempo prolongado.

Embora inexistam no Brasil dados precisos acerca das lesões músculo-esqueléticas associadas ao trabalho, é possível encontrar estatísticas isoladas a respeito das mesmas. Segundo Settimi⁷, o CEREST – Centro de Referência de Saúde do Trabalhador – mantido pelo Governo do Estado de São Paulo, chama a atenção para a feminização das L.E.R. De acordo com as estatísticas levantadas, dos 620 pacientes atendidos pelo programa, 87% são do sexo feminino (540 pacientes) e apenas 13% são do sexo masculino (80 pacientes).

⁵ SETTIMI, M. M; SILVESTRE, M. P. Lesões por esforço repetitivo: um problema da sociedade brasileira. In: CODO, W; ALMEIDA, M.C.C.G. *L.E.R – Diagnóstico, Tratamento e Prevenção*. Petrópolis, Vozes, 1995.

⁶ Ver fascículos especializados sobre as Lesões por esforços repetitivos, fornecidos pelo Laboratório Bristol-Myers Squibb Brasil, numa série de 3 fascículos publicados no ano de 1996.

⁷ Id., ib.

No brilho do verniz...

A taxa de maior incidência recai sobre as mulheres que se encontram na fase mais produtiva do ciclo vital, ou seja, 45% delas têm entre 26-35 anos e 23,5 % entre os 36-45 anos.

No caso específico da empresa pesquisada, observa-se um quadro semelhante, o qual denota a singularidade da mão-de-obra recrutada: mais da metade das operárias com lesões são casadas, com filhos e encontram-se na faixa etária dos 30-39 anos.

Todavia, a alta taxa de acometimento das L.E.R entre as operárias revelou mudanças nas estratégias de contratação da empresa. O chefe de recrutamento repensa a possibilidade de privilegiar as solteiras, isto porque, segundo ele, as mulheres casadas apresentavam maiores problemas de tendinite- uma variante das L.E.R – ocasionados pela sobreposição de tarefas da qual os cônjuges mulheres são as maiores vítimas:

Olha, nós só contratávamos mulheres casadas. Fazíamos isto para evitar a circularidade das operárias. A mulher casada poderia ajudar o marido e também saía-se bem no serviço; eram assíduas, tinham bastante responsabilidade, etc (...) Com o tempo fomos notando que as casadas eram aquelas que apresentavam maiores problemas com tendinite, justamente pelo acúmulo de tarefas cumpridas por elas.

Em função dos inúmeros afastamentos, vimos que isto não era mais viável. A preferência volta, então, a recair sobre as solteiras. (Chefe de Recrutamento.)

Observa-se neste depoimento que o chefe de recrutamento concebe o salário feminino como complementar ao do marido e reitera antigas formas de discriminação sexual contra a mulher, como a obrigatoriedade de cumprir as tarefas

domésticas e, sempre que possível, conciliá-la com o trabalho fabril.

No entanto, quando o uso desta força de trabalho passa não mais a responder satisfatoriamente às exigências da produção, ela é simplesmente descartada. Neste contexto, tal mudança constitui uma estratégia que visa a minimizar o número de operárias afetadas pela tendinite.

Desta forma, é possível afirmar que as relações de exploração possuem uma dinâmica, ou seja, antes da chamada **reestruturação produtiva**, contratavam-se apenas moças jovens e solteiras, pois presumia-se que elas eram mais atentas e faltavam menos ao serviço, uma vez que não tinham preocupação com casa e família.

Entretanto, a partir da década de 80, com as mudanças ocorridas no processo de trabalho, as mulheres casadas passam a ser aquelas que melhor correspondem às exigências de um novo tipo de trabalhador. A prática dispensada aos cuidados com a casa é tida como um elemento qualificador diante das novas imposições requeridas, uma vez que as mulheres seriam portadoras de um conjunto de elementos aprendidos sócio-culturalmente, tais como a experiência, a capacidade de iniciativa e a maleabilidade de reconversão frente aos diferentes papéis, quer seja no âmbito público quanto no privado.

Um artigo publicado no jornal local *A Notícia* (7/12/1996), informava que a fábrica havia contratado em caráter de consultoria os serviços do Departamento de Engenharia de Produção de uma Universidade, a fim de minimizar os problemas causados pelas L.E.R. Segundo o parecer técnico do projeto, obtido junto ao coordenador da equipe, o diagnóstico pontual das L.E.R. pautou-se no estudo da organização do trabalho, revelando, como resultado preliminar, que a alta incidência das L.E.R na seção das envernizadeiras ocorre em função da mecanização e do *layout* da seção, responsável pelos movimentos desnecessários, como, por

No brilho do verniz...

exemplo, carregar os feixes do chão e colocá-los no funil de maneira inadequada.

Os estudos relacionados à psicopatologia do trabalho⁸ vêm demonstrando a relevância da análise da subjetividade presente nas relações de trabalho, argumentando que o trabalho não pode ser apreendido tão somente em sua dimensão técnico-econômica.

Neste sentido, os relatos das operárias elucidam a articulação realizada entre **trabalho** e **sofrimento**, bem como a maneira de resistir fisicamente à agressão imposta pela nova organização social do trabalho.

O sofrimento, invariavelmente, tem início com o desconhecimento da própria doença:

O meu primeiro afastamento foi em outubro do ano passado. Eu fiquei um ano e meio sentindo dor (...) ninguém sabia que existia essa tal de tendinite. Eu fiquei com essa dor, só que eu não sabia o que era, eu achava que era cansaço físico, mais nada. Aí eu fui no médico e ele disse que era tendinite; eu fiquei assustada, pois eu ouvi o comentário que isso não tinha cura, daí eu fiquei preocupada, eu não conseguia mais segurar um cigarro, uma xícara de café, eu não tinha força no braço, não conseguia segurar mais nada. Falei: “E agora, a minha saúde? Eu perco esse emprego, eu não consigo arrumar outro em lugar nenhum! Eu só tenho 34 anos! (J., 34 anos – operadora de máquina.)

⁸ DEJOURS, Christophe. Souffrance et plaisir au travail: l’approche par la Psychopathologie du Travail. In: DEJOURS, C. (coord.) *Plaisir et Souffrance dans le travail*. Paris, CNRS, tomo II, 1988.

Existem quatro estágios de desenvolvimento das L.E.R, segundo o parecer clínico obtido junto ao médico responsável pela perícia do INSS da cidade: No primeiro grau há uma forte sensação de peso e desconforto no membro afetado. Os sinais clínicos estão ausentes, embora a dor se manifeste, muitas vezes, durante o exame clínico, quando comprimida a massa muscular envolvida. Clinicamente, tem bom prognóstico. No segundo grau, a dor é mais persistente neste estágio, aparecendo de modo intermitente durante a jornada de trabalho. É tolerável e permite o desempenho da atividade profissional. O prognóstico ainda é considerado favorável. No terceiro grau a dor torna-se mais persistente, é mais forte e possui irradiação mais definida. O repouso, em geral, só atenua a intensidade da dor, nem sempre fazendo-a desaparecer por completo. Os trabalhos domésticos são limitados ao mínimo e, muitas vezes, não são executados.

Segundo o parecer médico, o prognóstico é considerado reservado. No último grau, a dor é forte, contínua, por vezes insuportável, levando o/a paciente a um intenso sofrimento. Os atos da vida diária são também altamente prejudicados. Neste estágio, são comuns as alterações psicológicas com quadros de depressão, ansiedade e angústia. O prognóstico é considerado sombrio.

É sabido que os casos de L.E.R., quando diagnosticados precocemente, têm bom prognóstico. No entanto, a maioria dos/das trabalhadores/as desconhece a gravidade da doença, dificultando, assim, as possibilidades de cura.

Algumas operárias entrevistadas afirmaram sentir medo de perder o emprego, haja vista a incidência de casos na fábrica. Outras, em razão do desconhecimento evolutivo da doença, preferiram suportar a dor até o seu limite físico:

Quando eu descobri que estava com tendinite, eu já não estava mais conseguindo segurar nem um cigarro, porque já fazia um ano e meio que eu estava

No brilho do verniz...

com a dor. Eu tomava um “remedinho” hoje, passava a dor, aí na semana seguinte, doía de novo, tomava outro “remedinho”, passava a dor, e assim eu ia levando, porque eu não sabia o significado dessa dor, eu achava que era muito cansaço, porque depois que aumentou a rotação da máquina foi que eu comecei a ficar desse jeito, porque o cigarro caía da minha mão toda hora, a xícara de café, se eu “bobeasse”, caía também, precisava socorrer com a outra mão. Eu fiquei preocupada com a minha doença (...) (J., 34 anos – operadora de máquina.)

A questão da vergonha, da culpa, do medo, são atributos impostos às mulheres e que se manifestam também nas relações de trabalho. A operária, vergonhosamente, teme a doença por sentir-se com o corpo incapacitado para o trabalho. Neste caso, as entrevistas são elucidativas do medo que as mulheres sentem em revelar um problema que tem sido freqüente no interior da área produtiva fabril:

Quando a gente está dentro de uma firma, a gente tem vergonha de estar se queixando de certas coisas, porque às vezes dá a impressão que você não está querendo trabalhar, que você está querendo se “encostar”, então a gente quer ficar “útil”, pelo menos eu penso assim. Então você vê muita menina com o braço inchado que não fala nada porque tem vergonha. (E., 42 anos – operadora de máquina.)

É importante também perceber o impacto dessa patologia no cotidiano das mulheres, no que se refere ao trabalho doméstico e ao cuidado de si mesmas. Adquirir L.E.R. significa “trazer” o processo produtivo para o interior da casa, onde o

conceito de culpabilidade se reforça, com implicações e interferências nas relações interpessoais. As tarefas diárias do cotidiano são delegadas a outras pessoas, normalmente filhas ou mães das portadoras de L.E.R.

A sensação de invalidez dentro de casa fragiliza ainda mais as mulheres, na medida em que passam a se perceber como seres incompletos, porquanto incapazes de desenvolver seu trabalho doméstico ou de cuidar delas próprias.

(...) é duro viu, parece que eu não sou uma pessoa inteira, completa. Eu tenho que fazer as coisas aos pouquinhos, a minha filha de 17 anos me ajuda muito, mas é difícil para mim. Não consigo mais lavar roupa porque força muito as minhas costas. Na cozinha, eu começo a lavar uma verdura, logo eu tenho que parar, descansar um pouco as costas para depois continuar.

Quando eu faço um serviço dentro de casa, logo eu tenho que deitar porque eu não aguênto. (F., 42 anos – operadora de máquina.)

Um dos mais sérios problemas em torno das L.E.R, segundo o quadro clínico, diz respeito ao retorno ou readaptação do/a trabalhador/a após a alta médica. Em geral, essa volta ao trabalho é feita na mesma função ou atividade, na permanência das mesmas condições inadequadas que permitiram ou provocaram a doença:

Eu fiz o tratamento certinho, só que os remédios, não é que eles fazem você ficar curada, eles ajudam a aliviar a dor, só que você volta no seu trabalho, volta tudo de novo. (J., 34 anos – operadora de máquina.)

No brilho do verniz...

A ocorrência de tendinite revela como os membros da trabalhadora são utilizados de forma a intensificar o processo de trabalho. Através dos depoimentos, constatou-se que o trabalho anterior à **reestruturação produtiva** era executado por duas mulheres. Hoje, a mesma tarefa é realizada por apenas uma mulher, acrescido o fato de que o ritmo de funcionamento das máquinas aumentou.⁹

A parte do corpo mais afetada pela doença vinha sendo os braços das trabalhadoras. Todavia, em virtude da difícil reversão do quadro clínico da doença, essas mulheres tiveram que voltar ao trabalho após um certo período de afastamento sem que ainda houvesse um resultado satisfatório de regressão da doença. Isso fez surgir a tendinite numa parte um tanto inusitada do corpo: os pés.

A tendinite nos pés vem acometendo sobretudo as operárias que já manifestaram a doença nos braços: elas acabam tendo que executar os mesmos movimentos, utilizando, desta vez, os pés como apoio, já que a força empreendida nos braços fica reduzida.

Assim, a doença também impõe o seu ritmo:

(...) para não forçar muito esses nervos aqui do pescoço, eu pegava e punha o pé no ferro para ajudar, porque com a força do corpo eu poderia empurrar as caixas de lápis de 35 kg cada uma para a frente. (F., 42 anos – operadora de máquina.)

⁹ Como o próprio estudo ergonômico empreendido pelo Departamento de Engenharia de Produção atestou, a mecanização e o *layout* da seção contribuem preponderantemente para o número significativo de operárias afastadas.

Na verdade, relembando Marx, o capital, ao intensificar a exploração, impõe limites físicos e psíquicos ao trabalhador.¹⁰ Através desses exemplos, pode-se observar que as operárias utilizam-se de seus membros inferiores como forma de dilatar esses limites.

O caráter da superexploração reside na assertiva de que o capital não consome apenas a força de trabalho, mas o/a próprio/a trabalhador/a. A fim de não interromper o ritmo incessante da produção, outras partes do corpo da trabalhadora – como os pés – são alocadas de forma a cumprir as exigências impostas.

No caso específico deste novo quadro esboçado, o não-reconhecimento da doença possui um efeito desastroso sobre a saúde mental da trabalhadora, na medida em que tem que travar uma verdadeira luta contra o INSS, médicos e sobretudo com a própria fábrica, a fim de que reconheçam a tendinite nos pés como acidente de trabalho e lhe garantam o direito ao afastamento.

A depoente ora citada relata a dificuldade da aceitação da doença nos pés. Seu itinerário por vários médicos demonstra como estes e outros profissionais da saúde parecem ainda acreditar que as pacientes estejam simulando a doença para obter ganhos secundários. No setor empresarial, as L.E.R., até bem pouco tempo atrás, eram negadas por todos os meios possíveis: eram vistas como criações imaginárias dos/as pacientes.

A exploração e a dominação são produzidas por patrões e médicos que possuem o controle sobre o corpo das trabalhadoras. A concepção com que estes trabalham é a do corpo fragmentado. O corpo é visto sob a óptica das partes: ombros, coluna, braços e pés, como se a trabalhadora fosse apenas uma máquina com peças montadas.

¹⁰ MARX, Karl. *O Capital*. São Paulo, Nova Cultural, vol.1, 1985.

No brilho do verniz...

Segundo Dodier¹¹, o sofrimento físico dos corpos, associado ao sofrimento psicológico, suscita uma difícil tarefa para os/as trabalhadores/as, a de visibilidade de seu próprio sofrimento, uma vez que as dores são difíceis de se estabelecerem: há um predomínio de incertezas das pessoas sobre a realidade das dores, na medida em que elas vêm acompanhadas de julgamentos morais. Através dos depoimentos, tem-se contato com as expressões utilizadas pelas operárias para se referirem aos seus problemas. Contudo, essas expressões advêm não delas, mas resultam do julgamento de terceiros a respeito da tendinite no ambiente de trabalho:

(...) se a gente vai reclamar que está doente, ou que ficou afastada, eles falam: “–Ah, tava podre, não morreu ainda?” (F., 42 anos – operadora de máquina.)

A nova organização social do trabalho é tida como a responsável pelos afastamentos ocorridos no interior da produção. Neste sentido, as expressões utilizadas são reveladoras do conhecimento que as operárias têm acerca da exploração, precarização e depredação da força de trabalho.

O sucateamento da força de trabalho tem oscilado entre o desgaste e o descarte do próprio trabalhador. Para a maioria das operárias, as L.E.R. continuam sendo fonte de dor e sofrimento, de angústia e medo sobre o presente e sobre o futuro de sua capacidade de ganhar o seu salário.

Reconhecida no Brasil em 1987 como doença profissional, as L.E.R. vêm sendo registradas em carteira de

¹¹ DODIER, Nicolas. La construction sociale des souffrances du corps dans les activités quotidiennes de travail. In: DEJOURS, C. (Coord.). *Plaisir et souffrance dans le travail*. Paris, CNRS, tomo II, 1988, p.100.

trabalho, fato que tem conferido às operárias um “passaporte” de exclusão do mercado de trabalho:

(...) a minha colega foi fazer entrevista na “Cardinale”, falou que era da “lápiz”, o cara parou na hora, por causa da tendinite. Eu tenho 34 anos, se eu sair de lá, ninguém vai me aceitar, porque vai ver o carimbo na carteira de trabalho. (J., 34 anos – operadora de máquina.)

Durante o estudo da seção, foi possível constatar que as expressões mais recorrentes entre as operárias lesionadas faziam alusão ao “estrageo” do próprio corpo, tais como: “estou bichada”, “estou podre”, “eu me estraguei”, entre outras. O sofrimento físico e psíquico face a uma doença pouco conhecida não tem colaborado para a reversão do quadro clínico apresentado. Isto porque, para as operárias, os dois tipos de sofrimento são considerados instâncias indissociáveis:

(...) é assim que os outros percebem a gente, dá uma sensação quase que de invalidez, porque a gente fica desanimada, se sente inútil. Na primeira vez que eu tive a crise forte, eu fiquei deprimida, fiquei abatida. Eu até colocava na minha cabeça que eu ia perder o braço, porque eu sentia ele caindo. Eu pensei: “-meu braço está podre, não é possível. O que é que está acontecendo comigo?

Eu chegava até a chorar de desespero, eu sonhava que estava inválida, é uma coisa horrível que dá na cabeça da gente.

(...) só que eles deveriam colocar duas meninas em cada máquina, para a gente não piorar, para a gente

No brilho do verniz...

não chegar a ficar inválida de uma vez. (J., 34 anos – operadora de máquina.)

Ferreira¹² lembra que a relação entre ciência e tecnologia e a superação do trabalho vivo como categoria central na produção de mercadorias foram há muito tempo identificadas por Marx. Nos *Grundrisse*¹³, Marx desenvolve a idéia de que, na medida do avanço dos processos de trabalho pela ciência e pela técnica, “a criação de riqueza se torna menos dependente do tempo e muito mais dos meios técnicos de produzir, postos em ação durante o tempo de trabalho necessário”.

Marx destaca que estes meios técnicos se constituem em trabalho **objetivado**, em instrumentos de desalienação do homem e da mulheres frente à natureza, uma vez que expressam o nível de conhecimento, bem como a capacidade de transformar tal conhecimento em prática social imediata, por intermédio da tecnologia. Portanto, conforme Marx, o desenvolvimento dos meios técnicos de produção encontra sua racionalidade social no processo de produção articulado à reprodução e acumulação do capital. Reduz, de forma ascendente, a necessidade de trabalho vivo na produção de mercadorias.

Contudo, há que se considerar que Marx não chegou a investigar precisamente quais seriam esses meios técnicos que eliminariam a necessidade de trabalho vivo no processo produtivo.

Este estudo de caso da fábrica de lápis mostra uma das formas pelas quais a tecnologia vem sendo utilizada de maneira a descartar e desgastar a própria força de trabalho e quais os danos imediatos sobre a saúde das operárias.

¹² FERREIRA, Jairo Getúlio. Inteligência Artificial, Tecnologia e Teleologia. *São Paulo em Perspectiva*, 8 (4), 1994.

¹³ MARX, Karl. *Grundrisse*. Espanha, Siglo veinteuno editores, vol. 2, 1973, p.228.

Esses danos são físicos e psíquicos. Na fábrica, a doença é associada à monstruosidade, uma vez que as operárias expressam sentimentos como invalidez, inutilidade, estrago, podridão, entre outros.¹⁴

A doença, que não é aceita no ambiente de trabalho, que torna a trabalhadora incapacitada para a execução de suas atividades e que a alija do mundo social, também revela a face monstruosa das doenças relacionadas às características do novo modo de organização social do trabalho, o qual abarca o ritmo de produção e vários dos condicionamentos que envolvem a mulher e o trabalho.

A manifestação das L.E.R. na fábrica estudada, tornou-se mais intensa com a nova organização social do trabalho. Sua prevenção depende da adoção de medidas relativas que apenas podem minimizar sua ocorrência sem, contudo, eliminá-la por completo.

Dentre estas medidas, destacam-se a diminuição do tempo de exposição no processo de organização do trabalho, contando, para isto, com a realização de estudo de análise ergonômica, introdução de pausas no tempo da atividade geradora de L.E.R. e, finalmente, mudança do *layout* na produção, o que implica modificações no processo e na própria organização do trabalho visando à diminuição da sobrecarga muscular gerada por gestos e movimentos repetitivos desnecessários.

Todavia, as referidas prescrições parecem não encontrar respaldo frente à organização social do trabalho corrente, a qual

¹⁴ Segundo Badinter, a definição de invalidez remete às idéias de imperfeição, de impotência e de deformidade. A palavra “inválido” teria, portanto, duas conotações: a doença e a monstruosidade. BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1985, p.38.

No brilho do verniz...

tem buscado somente a intensificação de seu ritmo, bem como as exigências do tempo.

As mudanças parecem depender da organização das trabalhadoras e de novas concepções sobre o uso do trabalho, uma vez que o trabalho nesta fábrica é realizado majoritariamente por mulheres.

Conclui-se que não haveria, da parte delas, uma predisposição às L.E.R. – como vêm querendo afirmar vários profissionais da saúde e do setor empresarial- e nem as L.E.R. se referem a um fenômeno novo. O que se observa é que às mulheres são destinados postos de trabalho que contribuem para o surgimento das L.E.R., fato que as vem caracterizando como uma doença ocupacional eminentemente feminina.